

VALÉRIA NANCÍ DE MACÊDO SANTANA

valeriananci@ig.com.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, BRASIL

O DESIGN DAS CAPAS DE DISCOS BRASILEIRAS E PORTUGUESAS DOS ANOS 1960: UM ESTUDO COMPARADO

RESUMO

“O design das capas de discos brasileiras e portuguesas dos anos 1960: um estudo comparado” apresenta o resultado do intercâmbio internacional, do qual participei, via convênio de cooperação acadêmico-científica, estabelecido entre o curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade de Évora (Portugal) e o Mestrado em Desenho, Cultura e Interatividade da Universidade Estadual de Feira de Santana (Brasil). A proposta do mesmo é apresentar um estudo do design das capas de discos brasileiras e portuguesas dos anos 1960, demonstrando através das imagens destas, e do contexto da época, possíveis diferenças ou similaridades em termos de importância histórica frente à década aqui posta. Para isso, fiz uma pesquisa documental e bibliográfica nos dois países, colhendo informações sobre a temática supracitada, cruzando dados e analisando aspectos inerentes às mesmas que me dessem respaldo para a escrita deste artigo.

PALAVRAS-CHAVE

Design; capas de discos brasileiras e portuguesas; 1960

FAIXA INICIAL

Na fusão entre meu objeto de estudo no Brasil (o Desenho das capas de discos da Bossa Nova e da Tropicália) com algo referente a este em Portugal, desenvolvi um estudo comparado do design das capas de discos produzidas nos dois países na década de 1960. Tal década foi escolhida para fazer esta pesquisa porque, nesse período, houve várias transformações nos países em estudo, que marcaram o campo cultural. No campo do design e da música não foi diferente. No Brasil a ditadura militar reinava absoluta e viria a ser determinante em grande parte deste tempo, tanto na

vida social das pessoas, quanto nas artes em geral – como foi o caso do design capista e da MPB (música popular brasileira) em si que “sofreu amputações de versos em várias das suas canções, quando não eram totalmente censuradas”¹. Em Portugal, Salazar tentava obstruir a intelectualização dos cidadãos via cultura, literatura, etc., o que afetou, não só a música local, como a produção capista de discos neste período.

Sabe-se que as capas de discos surgiram, a princípio, apenas como meros invólucros sem o intuito de informar – apenas proteger o conteúdo fonográfico. A imagem era relegada a segundo plano e, com isso, o poder da mesma que hoje conhecemos era inexistente. Com o decorrer do tempo, a imagem foi ganhando espaço, e as capas passaram a ser personalizadas e esteticamente muito mais trabalhadas. Nesse sentido, a contemplação passou a ser, não só dos fonogramas, como também de sua produção e design capista: a estética visual tornou-se determinante na identificação visual fonográfica.

LADO A – BRASIL, MÚSICA E DESIGN CAPISTA

No contexto dos anos 1960, o Brasil passou por dois momentos históricos da música no país: a Bossa Nova e a Tropicália. No início da década a Bossa Nova viveu tempos áureos – João Gilberto, Tom Jobim, Tamba Trio, Nara Leão, todos, sem diferenciação fizeram sucesso. Nesse período, o que se convencionou chamar de Bossa Nova foi um novo estilo musical que inaugurou um novo jeito de se ouvir e retratar a música no Brasil: tons mais suaves, tanto em forma de canção, quanto em sua concepção visual. Mas, de acordo com Naves (2001, pp. 9-10), “não se pode dizer que os músicos e letristas que criaram o estilo musical bossa-novista (...) estivessem (...) prontos para liquidar uma estética ultrapassada e fundar uma inteiramente nova, calcada na experimentação formal”. Já em meados do final da década, a Tropicália veio revolucionar o que se via e ouvia no país. Era o auge da contracultura e de tudo o que se considerava como arte até então. Ela foi além de um movimento musical: foi revolucionária. Trouxe cores, nova estética e novos valores na forma de pensar diante de sua época: “configurou-se como um movimento cultural, transcendendo os limites de questões meramente estéticas ou confinadas ao âmbito da canção popular” (Naves, 2001, p. 47).

¹ Retirado de <http://virtualia.blogs.sapo.pt/20962.html>

A produção das capas de discos, diante de estilos musicais tão diferenciados, também teve dois momentos bastante distintos. O fato é que tanto a Bossa Nova (que perpassou o início dos anos 60) quanto a Tropicália (no fim da década) trouxeram consigo, portanto, novas formas de “ouvir” e “ver”. Ambas marcaram a época, com nova estética musical e imagética em que as capas dos discos e as canções traduziam e identificavam a cultura comportamental, material e ideológica espaço-temporal. As capas, nesse sentido, identificam a materialização clara em que ocorreram.

A linguagem visual das capas de discos bossa-novistas e tropicalistas trouxe estéticas revolucionárias para este período e, desde então, passou a identificá-las: aspectos da cultura se revelam em suas produções capistas, até porque, fica claro que conforme afirma Gomes (2011, p. 63) “a cultura (...) estará sempre integrada e presente em (...) desenhos industriais”.

A Bossa Nova, por exemplo, surgida na Zona Sul do Rio de Janeiro de 1958, e que teve seu auge nos anos 1960, buscava fugir das extravagâncias da Era das canções exageradas e das cores “aberrantes” que até então reinavam no Brasil. A Bossa trazia suas canções e imagens ligadas ao “barquinho, praia e sol” através de um aspecto *clean* das chamadas músicas de apartamento. Vozes e tons suaves clarificavam e dimensionavam o estilo, até então, impensado (Figuras 1 e 2).



Figura 1: Nara Leão – *Nara* (1964)

Fonte: <https://tinyurl.com/y536apss>



Figura 2: Wanda Sá – *Vagamente* (1964)

Fonte: <https://tinyurl.com/y2ersvyz>

O contexto histórico da época bossa-novista (fim da década de 1950 e início dos anos 1960), reflete-se, portanto, nas ideias, comportamentos, canções e na estética então em voga – estética esta visível no design das capas dos discos do estilo musical, também. “Nos fins da década de 50, no Brasil tudo se tornou *Bossa Nova*; a música era *Bossa Nova*, o futebol

era Bossa Nova, a praia era Bossa Nova e o presidente era Bossa Nova” (Rebouças, 2008)². Isso quer dizer que o momento vivido pelo país era muito diferenciado. Algo nunca antes visto ou pensado: “o Brasil (...) viveu um interessante momento de modernização de sua sociedade e economia. (...) deixava de ser um país ‘tradicional’, ‘agrícola’ e ‘atrasado’ para agora se definir pela grandeza de suas cidades e a imponência de seus feitos” (Sousa, s.d.)³.

O que se viu no país em transição de décadas foi a ideia de se poder (e querer) fazer algo novo, sobretudo no campo artístico/cultural. Novas reflexões, revisões. Assim, “em alguns casos, consolidou-se um movimento que já se iniciara em décadas passadas. Mas, outros movimentos nasceram exatamente naquele momento e se tornaram marcos e/ou referências de renovações estéticas que viriam a se firmar mais plenamente depois” (Kornis, s.d.)⁴ – como no caso da Tropicália.

A Tropicália, surgida num período conturbado da história brasileira (a ditadura militar), queria e conseguiu ser revolucionária. Nos idos de 1967-69 a turma de Gil, Caetano, Tom Zé, e tantos outros, parecia querer fazer provocantes suas canções e identificações imagéticas. Músicas e linguagens visuais em tons agressivos e “aberrantes”: cores fortes e um estilo psicadélico inconfundível (Figuras 3 a 5).



Figura 3: Tropicália – Tropicália ou Panis et Circencis (1968)

Fonte: <https://tinyurl.com/y3jpk3q9>



Figura 4: Caetano Veloso - Caetano Veloso (1969)

Fonte: http://365cancoes.blogspot.com.br/2010_01_01_archive.html

² Retirado de <http://www.infoescola.com/musica/bossa-nova-no-brasil-50-anos/>

³ Retirado de <http://educador.brasilecola.com/estrategias-ensino/o-brasil-bossa-nova.htm>

⁴ Retirado de <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Sociedade/Anos1950>

Figura 5: Tom Zé – *Grande Liquidação* (1969)Fonte: <https://tinyurl.com/y6omyfs9>

A busca de mudanças e conquistas ficou clara quando das manifestações artístico-culturais da época tropicalista – um momento de grande tensão e vontade de revolucionar, onde “a música, a literatura, o cinema e os movimentos sociais no Brasil foram atingidos por este clima efervescente de mudança e conquista por uma cultura nacional e liberdade em diversos âmbitos” (Santos, 2009, p. 488).

O fato é que a Tropicália, bem como a Bossa Nova, trouxe novas concepções ideológicas, comportamentais e materiais. Esteticamente o movimento tropicalista foi revolucionário, tanto em suas canções, quanto em suas ações e, porque não dizer, nas produções de design capista da época (reflexo de todo o momento vivido) – momento este, um dos mais marcantes da história do Brasil, por sua rispidez e censura.

LADO B – PORTUGAL, MÚSICA E DESIGN CAPISTA

Em alguns escritos pesquisados, observa-se que a música lusitana até os anos 1960 não teve grande representatividade. Em relação a essa questão, dizia-se que “o isolamento das décadas de trinta e cinquenta começará a ser quebrado pela progressiva abertura do país ao exterior e, no plano musical, pela vulgarização do *mass media*, a rádio, a televisão e o cinema” (Brito & Cymbron, 1992, p. 171). Havia uma inquietação por parte dos músicos da época em inovar e dar nome ao que se produzia musicalmente, sobretudo no final dos anos 1960, quando se começa a buscar termos para uso e denominação do que se fazia: “nova música popular portuguesa’, ‘renovação da música popular portuguesa’ ou simplesmente ‘nova música portuguesa’ traduzia as preocupações sociais de uma nova geração politicamente empenhada de compositores e intérpretes” (Castelo-Branco, 2010, p. 877).

Bem como a música, alguns teóricos consideram que o design de capas de discos dessa década em Portugal também não teve tanta expressividade. Em consultas das mais variadas possíveis, e no contato com portugueses nativos, acervos fonográficos, websites do país e idas às bibliotecas de Lisboa (Gulbenkian e Nacional), acabei por descobrir alguns discos importantes do período, mais por sua parte auditiva do que visual (design de capas) é bem verdade: assim, cheguei a uma lista dos considerados melhores daqueles anos.

Dentre os discos tidos como mais emblemáticos do início da década de 60 em Portugal estão: Alfredo Marceneiro, *The Fabulous Marceneiro* (1961); Amália Rodrigues, *O Busto* (1962); Carlos Paredes, *Verdes Anos* (1962); José Afonso, *Baladas e Canções* (1964); Amália Rodrigues, *Estranha Forma de Vida* (1965) (Figuras 6 a 10).



Figura 6: Alfredo Marceneiro – *The Fabulous Marceneiro* (1961)

Fonte: <https://tinyurl.com/y2dr7bdw>



Figura 7: Amália Rodrigues – *Amália Rodrigues (O Busto)* (1962)

Fonte: <https://tinyurl.com/y2wgv4xk>



Figura 8: Carlos Paredes – *Verdes Anos* (1962)

Fonte: <https://tinyurl.com/yxkgh7dx>



Figura 9: José Afonso – *Baladas e Canções* (1964)

Fonte: <https://tinyurl.com/yyqq6xfv>

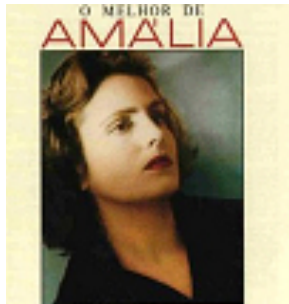


Figura 10: Amália Rodrigues – *Estranha Forma de Vida* (1965)

Fonte: <https://tinyurl.com/y3zsjenw>

Fazendo a relação com o que acontecia no início dos anos 1960 e em Portugal (o governo Salazar), as capas dos discos lusitanas – Amália Rodrigues, *O Busto*, 1962; Carlos Paredes *Verdes Anos* (1962); José Afonso, *Balladas e Canções* (1964) e Amália Rodrigues, *Estranha Forma de Vida* (1965) – têm uma coerência lógico-formal com o contexto histórico repressivo: utilizam poucas cores, fontes não extravagantes e disposição dos elementos sem muitas assimetrias. A única que foge à regra é a colorida capa de Alfredo Marceneiro *The Fabulous Marceneiro* (1961).

É bem verdade que são capas sem grandes referências de design (muitas até com a mesmice do uso do perfil em quatro delas – exceto a de Carlos Paredes), mas que, ao menos, seguem o contexto cultural vivido no momento: expressam características próprias do início da década referenciada.

Já no final dos anos 1960, encontramos como destaque os discos de Carlos Paredes, *Guitarra Portuguesa* (1967); Adriano Correia de Oliveira (1967); José Afonso, *Cantares do Andarilho* (1968); Carlos do Carmo e Lucília Carmo, *An Evening at The Faia* (1969); Filarmónica Fraude, *Epopéia* (1969) (Figuras 11 a 15).

Percebe-se que essas capas nada expressam aquele mundo do final dos anos 1960 que buscava, a todo custo, uma libertação a partir de suas revoluções políticas, sociais e sobretudo, artístico-estéticas. Dessas cinco, apenas a de Carlos do Carmo e Lucília Carmo, *An Evening at The Faia* (1969) traz mais extravagâncias nas cores, ousa mais nas imagens, na disposição dos elementos e nas fontes em amarelo.

É bem verdade que estes 10 discos portugueses citados foram fonograficamente marcantes nos anos 1960. No entanto, embora alguns

deles tenham tido seus designs de capas confeccionados com coerência na época especificada, eles, para muitos estudiosos, não podem ser considerados marcantes visualmente.



Figura 11: Carlos Paredes – *Guitarras Portuguesa* (1967)

Fonte: <https://tinyurl.com/y33xt3kf>



Figura 12: Adriano Correia de Oliveira – *Adriano Correia de Oliveira* (1967)

Fonte: <https://tinyurl.com/y4f4s7sj>



Figura 13: José Afonso – *Cantares do Andarilho* (1968)

Fonte: <https://tinyurl.com/bu6mxln>



Figura 14: Carlos do Carmo e Lucília Carmo – *An Evening at The Faia* (1969)

Fonte: <https://tinyurl.com/yx8uzb6x>



Figura 15: Filarmónica Fraude – *Epopeia* (1969)

Fonte: <http://pdclinks.net/forum/index.php?topic=148o8.o>

LADO A X LADO B: UM ESTUDO COMPARADO

Ao contrário do design das capas brasileiras da década de 1960 que teve figuras consideradas revolucionárias como Cesar Villela (designer Bossa Novista) e Rogério Duarte (designer Tropicalista), o que se sabe é que o design em Portugal, durante os anos 1960 foi, muitas vezes, relegado a segundo plano – talvez isto explique o fato das capas de discos no país, neste período, não terem tido tão grande expressividade quanto as brasileiras. As dificuldades desta atividade em terras lusitanas eram imensas, visto que

o problema do Design em Portugal começa por uma inexistência de conhecimento e de assunção da própria actividade profissional por parte do público em geral. Em grande parte seriam arquitetos (...) e os artistas, que invocariam a sua legitimidade na tarefa. (Redol, 2008, pp. 71-72)

Não era nada fácil lidar com tal empecilho, pois o que se via era uma “falta de delimitação de fronteiras, uma indefinição absoluta de parâmetros, até por parte dos próprios executantes, a falha no estabelecimento de uma profissão e por falta de informação e de acesso à mesma”. Além de todos estes problemas, o design português vivia às voltas com questões políticas que geravam incertezas e angústias. O governo Salazar sufocou os lusitanos “numa tentativa de obstrução de qualquer entrada de cultura, literatura, ou outros meios de intelectualização dos portugueses”. Com o autoritarismo ditatorial, o estadista “tornava a chegada de novos valores estéticos e culturais e dos mais recentes avanços tecnológicos muito difícil de prosseguir, impossíveis de avançar e de alcançar no dia a dia de todos” (Redol, 2008, pp. 71-72).

Os problemas do estudo e formação profissional do design em Portugal não findaram nos anos 1960, pelo contrário, arrastaram-se até 1970. Ainda de acordo com a autora, “José Bartolo comentava na Arte Capital: ‘o design não é afirmado como disciplina autônoma, território definido (...) o esforço de afirmação do *Design* nos anos 60 foi desenvolvido assumindo-se o *Design* como ‘pretexto de interdisciplinaridade’” (p. 72). Para se ter uma ideia, o ensino do design em Portugal, apenas depois de 25 de abril de 1974, veio a ter um real desenvolvimento “com a criação das primeiras licenciaturas em escolas públicas, nomeadamente Escolas Superiores de Belas Artes de Lisboa e Porto (1975) e o Instituto Superior de Artes Plásticas da Madeira (1977)” (Gomes, 2001, p. 179). Nesse sentido, fica claro o porquê do design capista lusitano não ter sido tão rico quanto o brasileiro nesta década específica: a Bossa Nova e a Tropicália, musical e imageticamente, foram além de seus tempos e espaços.

Em termos musicais a fragilidade da música portuguesa ainda resiste. É sempre comum quando se fala nela, com pessoas de diversos países, a ideia de que se produziram fados em terras lusitanas e nada mais! É como se atualmente nada mais fosse feito para além disso. Mas, é comum também lermos, em Portugal, autores que demonstram que a música portuguesa carece de maiores definições e cuidados. Faria (1965), por exemplo, numa tentativa de entendimento e/ou explicação da música portuguesa, da década de 1960, disse em sua obra “Algumas considerações sobre a música popular portuguesa”, lamentando-se: “entre nós, porém, e infelizmente, tudo está no começo”. Ele referia-se à música portuguesa vigente, à qual prosseguia desabafando: “não podemos fazer estudos comparativos sem estar devidamente recolhida e sistematizada a música popular portuguesa e, só deste estudo poderão resultar conclusões genéricas e fundamentadas sobre o folclore musical português”. E complementa: “ora o que nós posuímos neste campo são algumas recolhidas audiográficas de canções duma ou outra região, bem delimitada, e nem sempre de acordo com os melhores critérios” (pp. 3-4).

Enfim, após esta exposição comparativa, percebe-se que o Brasil, passando por uma ditadura militar rigorosa, e Portugal, sofrendo a repressão salazarista, lidaram de modos diferentes com seu design de capas de discos.

NOTA FINAL

Fica evidente que para a música e a produção capista de discos portuguesa, os anos 1960 não foram tão generosos como o foram para os brasileiros. Enquanto a música seguia “a passos curtos”, as capas portuguesas não representavam tão bem o momento vivido (governo Salazar) quanto as brasileiras (período militar) – muito em parte por conta do não desenvolvimento do design lusitano.

No Brasil o design das capas de discos dos anos 1960 foi marcado por dois grandes momentos musicais: a Bossa Nova e a Tropicália, que caracterizaram e indicaram suas épocas a partir do contexto espacio-temporal em que surgiram – ambas materializaram visualmente o período: puseram suas “grifes”; suas identificações. Nesse sentido é interessante ver como a cultura, em todas as suas vertentes, influencia a música, as capas de discos ou o que quer que seja. No caso da Bossa Nova e da Tropicália, chama a atenção o quanto seus contextos identificam-se em tais produções das canções da época e das capas de discos desenhadas. Já em Portugal,

percebe-se que, tanto no campo fonográfico, quanto nas produções do design capista do mesmo período (governo Salazar), havia preocupações estéticas a serem sanadas – no caso do design, por conta do não desenvolvimento da profissão no país.

O Brasil viu neste período uma das suas maiores riquezas musicais e visuais expressadas social, política e ideologicamente. Mas, também é bem verdade que Portugal, por sua vez, mesmo com os problemas no desenvolvimento do design, produziu algumas capas com coerência contextual desenhística no início dos anos 1960 – o que não se pode dizer das capas do fim da década, pois elas de nada lembram a ousadia das capas da Tropicália no Brasil ou das produzidas em várias outras partes do mundo com a transgressão impressa.

Percebe-se, por fim, que mesmo com um design capista desenvolvido (Brasil) ou não desenvolvido (Portugal) na década de 1960, as capas de discos, enquanto representação da cultura material, trazem consigo aspectos das culturas comportamentais e ideológicas de cada país.

REFERÊNCIAS

- Brito, M. C. & Cymbron, L. (1992). *História da música portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Castelo-Branco, S. (2010). *Enciclopédia da música em Portugal no século XX. Temas e debates*. Portugal: Círculo de Leitores.
- Faria, F. (1965). *Algumas considerações sobre a música popular portuguesa*. Coimbra: Instituto de Estudos Românicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Gomes, A. I. C. B. (2001). *A Evolução e a qualidade do ensino do Design gráfico em Portugal*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Gomes, L. A.V. N. (2011). *Criatividade e Design: um livro de desenho industrial para projeto de produto*. Porto Alegre: sCHDs.
- Kornis, M. A. (2012). *O Brasil de JK > Sociedade e cultura nos anos 1950*. CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Retirado de <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Sociedade/Anos1950>
- Naves, S. C. (2001). *Da Bossa Nova à Tropicália*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Rebouças, F. (2008). *Bossa Nova no Brasil – 50 anos*. Retirado de <http://www.infoescola.com/musica/bossa-nova-no-brasil-50-anos/>

- Redol, A. C. O. (2008). *A influência do abstracionismo geométrico no Design Gráfico dos anos 60. Para uma abordagem em Portugal*. IADE
- Santos, J. S. (2009). O papel dos movimentos sócio-culturais nos “anos de chumbo”. Revista online do Grupo Pesquisa em Cinema e Literatura, 6, 488-505. Retirado de http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/BaleianaRede/Edicao06/6c_o_papel_dos_movimentos_culturais.pdf
- Souza, R. (2012). *O Brasil da Bossa Nova*. Retirado de <http://educador.brasile scola.com/estrategias-ensino/o-brasil-bossa-nova.htm>
- Virtualia (2009). *A música e a censura da ditadura militar* [post em blogue]. Retirado de <http://virtualia.blogs.sapo.pt/20962.html>

Citação:

Santana, V. N. M. (2019). O design das capas de discos brasileiras e portuguesas dos anos 1960: um estudo comparado. In M. L. Martins & I. Macedo (Eds.), *Livro de atas do III Congresso Internacional sobre Culturas: Interfaces da Lusofonia* (pp. 74-85). Braga: CECS.